

Hoje, dia de geada

Raeltom Santos Munizo

I. Das vozes que sopram as neblinas de Jamiel

Estamos no fundo da casa velha, caídos na madorna desta suja casa suada, pendendo pelos caminhos quase estrada deixados pelo tempo que se esqueceu da terra pai Jamiel, cravada nas costas de pétalas da Bahia. Minha irmã conta os besouros verdes escorregando nos miúdos galhos de chuva que transparecem a manhã frienta de quinta-feira. Ela me enxaguou a lembrança com palavras duras contadas nos dedos, afim de tirar proveito do tempo e recordar os causos locais: eu, meu irmão doce de fumaça, sou a voz quente que derrama pra cima as palavras para te afetar os olhos e a imaginação, com o fito de saber que, na fazenda do cavalo rasgado, Senhor Fevereiro corria com os pés gordos e pesados pelas rugas dos surrados morros em companhia furiosa de seu homem filho único, também vivido para a doma das gentes presas em seu encontro.

Quando chegava o encontro de junho e julho, tempo das friezas, eles encapavam o corpo com couro, pesavam a coluna com ferro de facas longas e arma de soprar chumbo de fogo, se escondiam do sol debaixo de chapéu grosso de couro, etc. Pegavam dois cavalos magros portadores do vulto da peste da raiva e iam fazendo os reboliços dentro do mato, a fim de achar as gentes negras

soltas no mundo sem mando de ordem dos homens de pele clara alva. O cavalo do pai vai pisando arrastado devagar no meio de folhas lisas, com olhos secos, arfando as ventas quentes, com dentes aluindo e escumando a ferrugem da brida; cavalo esse pendente pelo peso do Senhor Fevereiro que tinha as veias dos olhos amamentando o coração com a sede pela gente negra. O filho desse homem vinha atrás sorrindo travado, com os dedos das mãos disformes de ansiosos pela caça e com as pernas duras estiradas sobre seu cavalo vermelho velho como se estivessem mortas pela falta do tempo correndo dentro da pouca carne dali. Viu um menininho negro sobre uma árvore tamborí tentando alcançar um ninho de pássaro grande até que, ao avistar os dois homens de ferros com sorrisos duros e olhos ressecados apontados para ele, sorriu bem doce, alegre de ver gente diferente. De repente, o filho de Fevereiro Senhor atirou um laço e atou o pescocinho do menino negro de amigo sorriso e o arrancou em queda para o chão. Caiu sem o sorriso, chorando para sua voz aguada alcançar ajuda. Corria, mas do laço que travou seu grito não escapava e arrastado na poeira voltava para perto dos sorridentes homens de cavalos alvíssimos. Eles pegaram mais duas mulheres novas nesse dia e levaram para longe do mato da liberdade. Chegaram em sua fazenda debaixo de uma sufocante chuva acompanhados pelas duas mulheres ainda vivas, somente. O resto ficou no meio do ardido caminho. Sem muito para agir perante o aguaceiro, sentaram na varanda apontada para a noite e contaram as situações dessas e outras suas andanças para nosso pai, doce irmão, o qual era cuidador das roças que se aparentam como lenços no grande corpo da propriedade e também era muito apreciado pelo Senhor Fevereiro para este lhe confidenciar suas histórias e ideias.

Dessa vida sujada, nosso pai viveu seus anos nos falando em dias de olhos ardentes e saliva amarga e funda. Esta história, ainda semeada como magros e longos dentes de grampos fundados no meu coração, hoje será colhida por nossas vozes de fumaça, a fim de ofertá-la à chuarada que clama dor e lembrança.

II. Na alegria de Alcântara

O corpo derrama água salgada, mas a sede que nos habita anseia água doce. Isso penso, meu irmão, debaixo do peso de tanta água esperada. Mas sua

lembrança de Senhor Fevereiro permanece atenta? Acho, minha boa irmã de sangue cordeiro, que o pouco que mantenho claríssimo na mente sobre ele vem da sua filha, dama da geada, moça de canela cor nos cabelos soprados. Lembro que essa moça foi criada dentro do segundo andar da casa grande deles, sem muito poder descer para o raso do prão, e poucos dizem tê-la visto no grande chão vermelho de terra que aquece os quintais da fazenda. Murmuram até hoje que Alcântara, por durante d'ouros tempos não pode se ver clara na presença de pessoas estrangeiras da casa. Era branca da água, sem muito calor evaporando no corpo; alguns diziam também que tinha lábios leves rosados de laranja, unhas longas como seu corpo bem esticado. Muito de Alcântara se inventou, pois até em seu longo caixão ela esteve escondida pela tampa e acompanhada de testemunha pouca. Alcântara observava pela janela que cabe mão sua e magro vento, de seu quarto, seu irmão e seu pai Fevereiro chegarem tremendo alto o som de correntes lisas e quentes de banho de sol que seguravam um homem negro desaguando em suor e de andar duro como o chumbo requentado. Parecia ser tão bonito para Alcântara quanto o nascer do sol marchetado de um calor tão forte a ponto de se manifestar às vistas por meio da cor laranjeira do vermelho. Esse homem, dizem até hoje, trouxe consigo um peso tão cadente que seus passos graves chamavam por aqueles que caminhavam manso pela casa. Sua cor profunda guardava a pele da noite molhada, escorregadia, colhedora do resto da morna ausência da luz. Alcântara, pela janela fina de seu quarto alto próximo ao sol, perdeu seus claros olhos ali dentro, até se afogarem no lado baixo da carne firmada daquele umbigo negríssimo. O negro era Avultor, nome falado a todos que por ele passam baixo. Avultor deslizou as inúmeras correntes que banhavam seus ombros pelo chão da fazenda até chegar na casa de fecho, acompanhado de Senhor Fevereiro, seu filho e outros homens arengueiros de contrato, usados para conseguir arruinar os punhos desse homem. A presença desse sujeito era coisa de cisma.

De Alcântara, me contaram, minha irmã, que vivia a indagar por palavras sobre aquele homem. Mas pouco se falava a ponto de amansar a remada de seu coração de febre. Ela queria saber o que o tornava homem vivo, sobre coisas além do permitido acerca do povo negro. Seu pai dizia que os negros não tinham história, nem juízo para agir por si perante a política do mundo, nem coração

para guardar o amor dado pelo par passarinho. Mas Alcântara, como te contei, perdeu os olhos dentro da carne daquele ser e ela precisava buscá-los com seu pouco conhecimento de gentes.

III. Um passarinho sem asas anseia remar no céu

Ventos bentos banhavam a casa de Alcântara, de Fevereiro pai, e do irmão de léguas tempo. Sei que Avultor cantava em ponto de meia noite para as amoitadas aves soltas do céu buscá-lo para ver os horizontes. Dizia nosso pai que o grave de seu canto abaixava a pressão de todos da casa mais grande e expulsava seus choros recolhidos desde que meninos não mais eram.

Uma noite crua, de cor escura lavada, meu senhor pai disse ter visto Alcântara branca vestida de pele rosa descer as escadas de sua morada de leito e rumar até a raiz da voz de Avultor. Ele a seguiu guardado pela noite e pôs a espiar a aproximação dos dois corações extremos no frigidar. Viu ela passar pela porta da prisão e olhar perdida o monte preso por correntes pesadas de ferro cru e ferrugem. Ele tinha os olhos cerrados, mas a maré do cheiro de Alcântara começou a avançar sobre seu corpo, induzindo a colheita do vulto dela por seus olhos escancarados. Seu impulso de encanto estumou seu coração e mãos para alcançá-la com raiva e maravilha. Ela correu, meu irmão, pelo chão da fazenda como lua escorregadia no couro do céu. No outro dia, de noite, ela teimou seu medo e voltou para lembrar o susto. Mas ele a esperava de esperança solta e olhos nascentes. Nosso pai disse que foi calmo o reencontro, como se soubessem que isso foi sacramento, assim como o beijo sob a guarda do porvir. Ele a ela disse que iria matar vosso irmão, o dela, na seguinte madrugada daqueles tempos do frio ardente, aquando Fevereiro estava em virgem para longe. Ela não disse nada quase, apenas lembrou seu medo de vosso irmão dela sem punho limpo. Dito e feito, pois na próxima noite da fila, quando o filho delgado e raivoso de Senhor Fevereiro foi rir e açoitar os ombros de Avultor, este dançou as correntes pesadonas pelo chão e pelo frio, e embrulhou o pescoço do moço magro e espremeu o pouco calor de seu corpinho para deixar só o calafrio naquele oco. O filho do Fevereiro ria de ansioso pelo desabe e disse que já sentia a falta de presenciar as mortes de sua forja. Ele disse em voz alta sob a testemunha de meu pai escondido que lembrou da menina gorda negra que caiu sob os joelhos após

seu punhal agulhar o lado esquerdo de seu pescoço; lembrou de César, seu escravo particular, cujo couro do rosto gritante foi arrancado por sua peixeira; lembrou Benta negra, mulher que engravidou de ti e estava com sete meses, mas não era de seu agrado semente e por isso cessou a vinda de seu fruto, arrancando-lho sem maturação do bucho de sua mãe por dor de faca. Lembrou da noite que sua faca ardia querendo dormir dentro do bucho de seu pai. Recordou de querer ver sangue molhar sua irmã posta no alto como santa de altar, enquanto lhe restava o excomungado chão fedido de homens. Chorou escasso e disse pra si ter sido feliz.

Após o ato, alguns escravos soltos de confiança na rédia do dono, pegou-se o corpo murcho em cruz no chão e se o lançou num rio frio que visita aquela fazenda, a fim de acharem que foi afogamento. Passou-se, dias, e não indagaram pela presença do filho do dono, e mesmo o senhor das terras e gentes não havia chegado para se banhar nas geadas que borbulham na fazenda do cavalo rasgado. Alcântara persistia em buscar a imagem de Avultor para cobrir seu entorno. O coração do negro longo e denso pertence aos céus distantes dali.

IV. O estreito de Presépio

No baboso peito do coração azul de Câncer, escudo do céu, minha irmã, está um aglomerado de pedras gestando cores em mil luzes vistas, dispostas como um batente vagante pendente, o qual engoliu o mundo da morte. Chamam de Presépio essa porta do corpo do caranguejo furioso que leva o tempo ao fim. Os antigos, querida, lançam brasas e água doce, em julho, rumo a essa porteira, a fim de espantar a fúria evocada para fora por ela. É nos domínios do Câncer que a força do mundo escondido no ar do escuro se anima e busca os estrangeiros. Os céus dos dias rangem ao meio dia com o golpe das unhas partidas, as nuvens mais aéreas são amassadas pelas cordas ventadas pelas vozes clamosas jorradas no tempo.

Sob o domínio desse constelado de julho, Alcântara percorre as neblinas dos poucos dias vividos diante das palavras de Avultor. Ele a animou com doçuras e quenturas, a fim de colher a liberdade. Na noite que a escuridão fugiu do frio tamanho, a moça que poucas vezes desceu ao chão de terra, conseguiu

as chaves duras de pesadas para soltar aquele que a encantava com as asas no chão. Solto o grande corpo negro e ofereceu ao vento frio lento que visitava a fazenda do cavalo rasgado, nos baixos relevos de Jamiel. Segundo meu pai, o qual foi os olhos soltos e altos e de espreito daquele lugar, Avultor mudou o jeito de olhar a senhorinha daquela fazenda. O livre negro monte falou a Alcântara que precisava ir buscar algo fundamental para a nova vida dos dois e que a fuga ia sentar e esperar por algumas horas antes de andar. Mas, antes disso, ele firmou seu olhar nela e murmurou grosso que precisava testar sua força de futura fugitiva. Para tanto, a desafiou afiado a permanecer até o cordão do amanhecer deitada nua sob uma pedra negra gigante situada na entrada da cara da fazenda. Ela, decididamente vivendo, virou seus pés pubados para a frente escura da fazenda e buscou a pedra, retirando seu véu com o indicador se esfregando no polegar; vagou sua mão esquerda pelo espaço do encontro de seus seios cabaças penduradas e solto os botões do algodão grosso que os escondia; escorregou seus panos até derramá-los no chão. Nua, crua, lisa, ela seguiu e subiu tremendo a carne rosa bêbada da pedra guardadora das forças dos frios. Lá ela deitou com o rosto de frente para o céu de Câncer e entoou uma canção que até hoje todos os vividos de Jamiel lembram deste refrão, na insistência das noites frias: "hoje é dia geada, amanhã, dia de eu namorada". Alcântara solto essa canção pelo seu peito durante todo o peso da noite da frieza. Na manhã, restou ela e a pedra e o pouco sol e o frio circulando na fazenda e no seu corpo lindo jazido.

Quando o tempo estiver sozinho no silêncio deste mundo acabado em vazio, ele vai lembrar desse frio engolido por Alcântara dentro da noite branca.